

XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

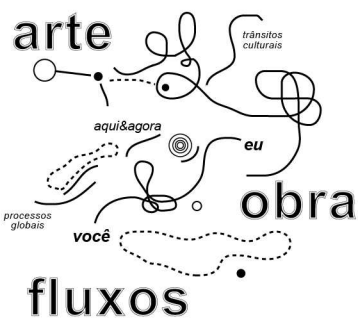
FORMA E ESPAÇO: DIÁLOGO ENTRE FRANK LLOYD WRIGHT E GORDON MATTA-CLARK

Elena O'Neill

PUC-RJ (DOUTORANDA)

Gordon Matta-Clark se graduou como arquiteto na Cornell University em 1968. Porém, ele estabelece uma relação particular com a arquitetura: se recusa a construir, embora seu trabalho estabeleça um diálogo entre arte e arquitetura no território da arquitetura; critica e questiona os principais postulados da arquitetura moderna ao definir a *anarquitectura*, “termo que não significa anti-arquitetura senão que é um intento de esclarecer idéias a respeito do espaço, são *insights* pessoais e reações em vez de enunciados sócio-políticos formais”. Opera no espaço mediante cortes e alterações nos sistemas de referência que refletem uma atitude crítica frente a sistemas e estruturas sociais, econômicas e culturais. As *esculturas* resultantes desses cortes remetem ao espaço de Carl Einstein, síntese dos movimentos corporais e das representações do movimento, do qual os objetos são os sintomas variáveis e, por oposição, à idéia de George Bataille da arquitetura como modo de petrificar, imobilizar e silenciar o organismo.

Se as obras estão inseridas num processo histórico com o qual estabelecem um vínculo duplo (ao mesmo tempo em que recebem impulso da cultura, também a modificam), como posicionar-nos frente aos objetos que nos constituem, em que medida estão permeados por idéias e textos de outros, qual é a dimensão extemporânea dessas idéias e textos? Tendo os *foto-trabalhos* (colagens montadas com fragmentos de



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

fotografias das intervenções feitas em prédios abandonados) de Matta-Clark como ponto de partida, este texto se propõe pensar os problemas de espaço e forma estabelecendo um diálogo com a obra de Frank Lloyd Wright, privilegiando um entendimento da forma artística como possibilidade de reformulação dos limites e visões de mundo na procura de novas fronteiras do real. No caso dos foto-trabalhos, apontamos para um objeto artístico que existe como experiência vivida, realidade confrontada em vez de realidade resolvida na tentativa de conservar a superioridade plástica do homem vivo frente à redução ao plano dos movimentos corporais e das representações desses movimentos. Intenta-se pensar se esses foto-trabalhos são capazes de definir um real segundo critérios ópticos e sinestésicos, separando a imagem do objeto e eliminando a memória como mecanismo de reconstrução do objeto a partir do já conhecido.

Forma, espaço, arquitetura